

JONATHAN ROMARIO ROMAN

BILINGUISMO ITALIANO-PORTUGUÊS RIO-GRANDENSE EM CHAPECÓ

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao Curso de Graduação em Letras Português e Espanhol – Licenciatura, UFFS, *Campus* Chapecó, como requisito parcial para a aprovação no CCR Trabalho de Conclusão de Curso II.

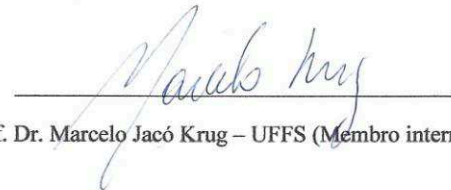
Orientadora: prof^ª. Dra. Cristiane Horst

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em:
06/06/2018

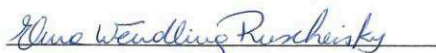
Banca Examinadora



Prof^ª. Dra. Cristiane Horst – UFFS



Prof. Dr. Marcelo Jacó Krug – UFFS (Membro interno)



Prof^ª. Me. Helena Ruscheinsky - IFSC (Membro externo)

Prof^ª. Dr. Angela Luzia Garay Flain – UFFS (Membro Suplente)

¹ Acadêmico de Letras- Português e Espanhol, da Universidade Federal da Fronteira Sul, *Campus* Chapecó.

Bilinguismo *talian*-português rio-grandense em Chapecó

Jonathan Romario Roman¹

Resumo: Este estudo propõe inferir os níveis de bilinguismo em falantes de *talian*-português abordando os quatro níveis apresentados por Mackey (1972): grau, função, alternância e interferência. Para isso foram analisadas entrevistas de informantes residentes em Chapecó, pertencentes à Geração I e Geração II, de Classe Alta e Classe Baixa, um homem e uma mulher para cada Geração. As perguntas e as respostas dos informantes foram dispostas em tabelas e posteriormente analisadas, a fim de relatar o que se observou durante as entrevistas. As questões selecionadas estão relacionadas aos termos de parentesco do tipo espiritual (padrinho, madrinha, afilhado, afilhada, compadre e comadre) Goldschmidt e metalinguísticas (referentes ao bilinguismo, questões de identidade, crenças linguísticas).

PALAVRAS-CHAVE: *talian*; termos de parentesco; níveis de bilinguismo; contato *talian*-português.

Introdução

Com o presente artigo, pretendemos inferir os diferentes níveis de bilinguismo em falantes de uma variedade de italiano, o *talian*, de Chapecó. Para isso nos orientamos nos fundamentos propostos por Mackey (1972) que identifica quatro níveis de análise: grau, função, alternância e interferência. É importante ressaltar que para o autor, o bilinguismo é relativo, uma vez que seu interesse vai no sentido de descrever em que medida um indivíduo é bilíngue e não, se ele é ou não bilíngue.

Ainda é preciso mencionar que a pesquisa é realizada com base na Dialetologia Pluridimensional e Relacional de Thun (1998), adotada especialmente pelos atlas contatuais ALGR, ADDU e ALMA (que compõem a Trilogia Rioplatense) e, desde 2013, também pelo Atlas das Línguas em

Contato na Fronteira: Oeste Catarinense (ALCF-OC), no qual estamos inseridos e para tanto, são retirados os dados para este estudo.

Ainda é necessário destacar que com o presente estudo, também pretendemos relatar a importância das línguas de imigração no Brasil, pois o país é culturalmente rico em diversidade linguística, como escrito por Oliveira e Altenhofen (2011):

Muito mais interessante seria redefinir o *conceito de nacionalidade*, tornando-o plural e aberto à diversidade: seria mais democrático e culturalmente mais enriquecedor, e permitiria que conseguíssemos nos relacionar de uma forma mais honesta com a nossa própria história. (2011, p. 191).

Mesmo com a diversidade linguística presente no Brasil já bastante descrita por diversos pesquisadores através de dado empírico, há muitas pessoas que não consideram que conhecer uma variedade linguística minorizada e sem prestígio, tenha a mesma importância que saber uma língua majoritária, que é prestigiada. Devido a esse sentimento negativo em relação às línguas minorizadas, muitas famílias deixam de ensiná-las para os seus filhos, acreditando estarem, desta forma, colaborando, pois, segundo a sua experiência de vida, aqueles não irão sofrer preconceito ao ingressar na escola.

Também é importante ressaltar que, nas escolas, o ensino de uma língua estrangeira é, na maioria das vezes, imposta pelo sistema escolar, ou seja, o aluno não pode escolher uma língua do seu interesse, afinal, como descrito por Horst (2009), geralmente o inglês, e às vezes o espanhol, é oferecido nas escolas, pois se tratam de línguas vistas como as mais importantes, universais.

Ainda se faz necessário esclarecer que muitas vezes a formação dos próprios professores não abrange a questão da diversidade linguística, ou seja, os docentes não estão preparados para lidar, de fato, com a diversidade linguística presente em sala de aula.

Outro ponto a ser mencionado é de que a língua materna, como mencionado por Altenhofen (2013), tem uma grande relação com as línguas

que são adquiridas posteriormente, ou seja, entende-se por língua materna aquela que a criança teve seu primeiro contato. Algumas variedades estão presentes apenas em contexto familiar ou religioso.

Assim é preciso destacar que as pesquisas neste campo de conhecimento são importantes para mostrar as diferentes variedades que nos cercam. Além disso, é necessário comprovar que as línguas de imigração são utilizadas em muitos meios, ou seja, muitos falantes não possuem apenas o português como língua ou mesmo como língua materna.

1 Bilinguismo

A questão do bilinguismo é um fator fundamental na identificação da cultura de um país, afinal, ensinar mais de uma língua não era muito aceito nas instituições escolares em certos períodos do Brasil, como no século XX. Com isso fica evidente que, mesmo com uma forte migração de italianos para Santa Catarina, essa variedade acaba sendo menos falada pelo fato de que se propaga o monolinguismo no país, como salientado por Altenhofen (2011).

Em outras palavras, o fator multilíngue no Brasil não é trabalhado em muitos contextos sociais, fazendo com que este país seja visto como um lugar em que se fala apenas uma língua, como descrito por Ferraz (2007), em que se mostra

“uma imagem distorcida do panorama lingüístico do Brasil, como um enorme país monolíngue, dominado pela língua portuguesa em toda sua extensão, fato que esconde sua realidade plurilíngüe, marcada pela coexistência de várias línguas com o português.” (p. 44).

Com isto percebe-se que a cultura linguística no Brasil é muito rica e diversa, ou seja, é um país que possui uma grande variedade de línguas, no entanto apenas uma, o português, é ensinada nas escolas e se esquece de que no Brasil, segundo dados do IBGE, são faladas mais de 270 línguas, desde línguas indígenas, até línguas de imigração.

Mesmo com grande diversidade linguística em nosso país, ainda permanece a visão de um país de uma única língua, que monopoliza o poder e diminui a relevância das outras. Altenhofen (2004) também faz destaque para a imagem do Brasil, visto como:

“um enorme país ‘monolíngüe’, dominado pelo português em toda sua extensão, de proporções continentais, e – o que é mais incrível! – de uma forma ‘tão homogênea’, tem contribuído em maior ou menor grau, para ofuscar a presença de populações e áreas bilíngües oriundas da imigração”. (p. 87).

Assim, as demais línguas faladas no Brasil são tratadas com menos importância e acabam perdendo seu prestígio entre as pessoas, o que faz com que sejam faladas cada vez menos.

Muitas vezes se associa o pensamento de que aprender apenas uma língua seja melhor que falar duas ao mesmo tempo, dessa forma podia-se justificar, erroneamente, o ensino único do português nas escolas (ALTENHOFEN, 2004, p. 90-91). Este fator contribui para o ensino seja cada vez mais centrado na língua portuguesa, esquecendo que

a história do Brasil, ao longo de pouco mais de 500 anos, revela o entrecruzamento de diversos povos, gerando uma identidade pluriétnica na formação da sociedade brasileira. Desde o descobrimento do Brasil até hoje, sempre tivemos um multilingüismo estabelecido no território nacional. (FERRAZ, 2007, p. 44).

Além disso, o ensino de línguas nas escolas não é pluralizado, ou seja, o aluno não tem a opção de escolher uma língua estrangeira que mais lhe agrade ou que seja mais pertinente a sua futura formação, como descrito por Broch (2012) em que “estes interesses colocam outras línguas em desvantagem, por não terem o seu lugar pré-determinado por políticas linguísticas nacionais” (p. 2). Outro fator é a relação que se estabelece entre as línguas e os próprios falantes, uma vez que ambos estão em contato um com o outro.

Com isso fica evidente que muitas línguas de imigrantes são tratadas com descaso, uma vez que poucas escolas abordam estas variedades que são aprendidas em casa. Como descrito por Horst e Krug (2017), o bilinguismo faz

parte de toda e qualquer região, pois o contato sempre está presente na sociedade, contudo, algumas variedades possuem mais visibilidade que outras.

Além disso, a língua não está centrada apenas na fala, mas na cultura também, ou seja, quando pessoas de um determinado país migram para outro lugar, não apenas sua língua, mas sua cultura também o acompanha, afinal o contato linguístico entre as populações são inevitáveis, uma vez que há a necessidade de relações entre diversos povos (ALTENHOFEN, 2008, p. 9). Com isso

“A imigração italiana, com número bastante expressivo de imigrantes que aportaram no Brasil, também contribuiu para marcar fortemente as tradições culturais de alguns estados brasileiros. Os imigrantes italianos, vindos a partir de 1870, fixaram-se em centros urbanos (capital e interior) e em fazendas de café, formando em seguida os núcleos coloniais.” (FERRAZ, 2007, p. 61).

Assim percebe-se que inicialmente a população de um determinado país se concentrava em regiões próximas, afinal, a língua é um fator de extrema importância para qualquer tipo de comunicação. No entanto, com o passar do tempo, surgiu a necessidade de interagir com outras cultura e línguas, com isso diferentes línguas tiveram um contato maior entre si e com o português.

Dessa forma pode-se dizer que o bilinguismo é marcado por fatores externos e internos, tanto como uma forma de influência, como forma de desprestígio. Com isso é essencial definir o bilinguismo abordado como o conhecimento oral/escrito/auditivo/leitor de qualquer falante, ou seja, independentemente da habilidade que o falante tenha sobre outro idioma além de sua língua materna, já o torna bilíngue.

Outro ponto a ser destacado é que língua considerada correta é aquela utilizada nos meios mais formais, tanto na fala, quanto na escrita, que acaba sendo mais prestigiada, enquanto a variedade não prestigiada, muitas vezes, de base oral, é taxada como não padrão, como apontado por Altenhofen (2011), é tida como errada e feia. Entretanto não há diferença significativa entre dialeto e língua, como descrito por Coseriu (1982):

entre dialecto y lengua no hay diferencia de naturaleza o 'sustancial'. Intrínsecamente, un dialecto es simplemente una lengua: un sistema

fónico, gramatical y léxico. Así, pues, en sentido 'objetivo', el término dialecto no significa otra cosa que el término lengua. (p.10-11).

Com essa leitura é possível afirmar que o status atribuído à língua e ao dialeto é uma questão social e política, assim não existe uma diferença palpável entre ambos. Coseriu (1982) afirma que nós falamos uma determinada forma de português, italiano ou outro idioma.

Desta maneira, como afirmam Horst e Krug (2017), o plurilinguismo é um fator que está inserido em todo o cenário brasileiro, ou seja, uma língua sempre está em contato com outras e assim as mudanças ocorrem de maneira natural, pois há diferentes falantes em uma mesma comunidade, o que contribui enormemente para que haja influência de uma variedade com outra. Com isso todas as sociedades são bilíngues, pois abrigam diferentes culturas e variações linguísticas.

Além disso, a língua, como é usada constantemente, sofre muitas alterações, afinal

Da mesma forma como ocorrem mudanças na identidade de um indivíduo, a língua também sofre mudanças. Algumas delas se dão ao longo do tempo com as inovações no campo científico e tecnológico. Outras são, no entanto, o resultado das constantes migrações, seja de cidade para cidade, seja do campo para a cidade. Com estas mudanças, tanto a língua quanto a identidade sofrem alterações. (Horst e Krug, 2015, p. 182)

Dessa forma, percebe-se que a língua é influenciada diretamente por seus falantes, seja em um nível menor ou maior, pois tudo depende de como ela é usada e de que forma é usada, assim, os níveis abordados por Mackey (1972) são fundamentais para inferir o grau de bilinguismo de um indivíduo.

Também é essencial que proporcionar ao falante o conhecimento de mais de uma língua o ajuda a estabelecer relações diferentes com diversos grupos, ou seja, não é apenas uma nova língua que se aprende, mas sim uma cultura toda,

oferecendo ao usuário da língua condições de transitar a um só tempo por vários grupos lingüísticos, isto é, experimentar as

variações estabelecidas em seu código linguístico ou utilizar, em caso de comunidade plurilíngüe, mais de um sistema de signos lingüísticos. (FERRAZ, 2007, p. 44).

Além disso, a língua materna tem um papel fundamental na formação cultural do indivíduo, pois ela é primeira língua com a qual o falante tem contato, como descrito por Altenhofen (2013). Entretanto, o indivíduo pode aprender duas línguas simultâneas. E como apontado por Ferraz (2007) “o Brasil tornou-se, em verdade, um amplo campo de manifestações multilingüísticas, reclamando estudos sistematizados através dos vários ramos da lingüística.” (p. 71).

Assim, é importante ressaltar que essa combinação de várias culturas não era muito evidente no período de colonização do Brasil, pois os imigrantes viviam em grupos que possuíssem o mesmo padrão de comunicação. Dessa forma era mais fácil o contato entre eles, ou seja, o isolamento auxiliava na interação e melhor comunicação entre seus integrantes.

Com isso podemos encaixar os conceitos de Mackey (1972) para o bilinguismo no cenário atual, uma vez que suas definições são pertinentes para o estudo realizado. Pois com elas, pode-se delimitar a função, o grau, a interferência e a alternância de uma variedade do italiano, o *talian*, com relação ao português.

Como descrito por Heredia (1989)

Uma comunidade lingüística define-se como tal se seus membros têm em comum ao menos uma variedade de língua e também normas de uso correto, uma comunicação intensiva entre eles, repertórios verbais ligados a papéis e unificados por normas, enfim, uma integração simbólica no interior do grupo ou do subgrupo de referência (nação, região, minoria). (p. 179).

Assim podemos afirmar que uma comunidade que usa o mesmo dialeto, se identifica como tal, em nosso caso o *talian*. Dessa forma, os indivíduos analisados pertencem a uma sociedade em que há este tipo de fala, mesmo que não seja sua maioria, no entanto ele, ou seus pais, fizeram parte de um ambiente em que isso, em algum momento, era predominante.

Quando falamos de uma variedade, é muito importante ter em mente que todas as línguas em contato sofrem influência uma da outra e isso não seria diferente com o italiano, que em nosso país tornou-se o *talian*. Assim, não podemos dizer que esta língua/variedade é aquele italiano falado na Itália, uma vez que na Itália, o italiano tem contato com outras línguas, se comparado ao Brasil.

Além disso, com afirmação Thun (1996), Altenhofen (2011), Horst, Krug e Forana (2017) quando uma população está isolada, ela tende a manter mais sua língua intacta, mas quando a comunicação com outros povos se torna necessária, muitas alterações são incorporadas a sua fala. Dessa forma, no caso no *talian* em Chapecó/SC, a língua de imigração era fundamental na comunicação entre as famílias, contudo, com estes contatos, tornou-se necessário aprender outra língua, no caso o português, para falar com outros grupos.

Desta forma, quando as famílias italianas chegaram ao Brasil, no século XIX, o italiano que falavam na Itália foi se modificando aos poucos, pois passaram a estar em contato permanente com o português. Assim, com o passar dos anos, coube às famílias manter a sua língua materna ou usar apenas o português.

Também é necessário ressaltar que os próprios professores de língua portuguesa eram ensinados a

trabalhar com o falante nativo ideal em uma comunidade de fala homogênea, sem conflitos ou problemas de qualquer espécie. A escola parece conseguir ficar distante do contexto sócio-histórico e 'sobreviver' (CAVALCANTI, 1999, p. 403).

Dessa forma, o educador não era colocado próximo a realidade de que existe uma grande variedade de línguas que são utilizados pelos alunos, ou de que até mesmo algum deles não saber português. E isto implica diretamente em seu processo de aprendizagem, pois muitas informações podem ser perdidas ou confundidas durante a explicação do professor.

Assim pode-se dizer que muitas famílias tinham receio de passar sua língua materna para seus descendentes e quando o faziam, não utilizavam em

todos os lugares que conviviam, ou seja, falavam esta variedade mais em ambientes caseiros. Também cabe ressaltar, como descrito por Altenhofen (2004), que muitas instituições não levavam em consideração outras variedades, além do português nas escolas, fato que vem até os dias de hoje e que

(...) surge não apenas como desdobramento dos mitos e ideologias motivados pelas políticas repressivas, mas também como parte de concepções pedagógicas que, mesmo contra toda a evolução dos estudos de aquisição e ensino de línguas, conseguem ver nesse procedimento um recurso válido. (ALTENHOFEN, 2004, p. 89).

Outro fator é que muitos pais não veem as variedades minoritárias como relevantes para serem ensinadas, ou seja, como descrito por Horst (2009), alguns consideram estas variedades como sem importância e por isso não querem que seus filhos aprendam, por exemplo, a variedade mais prestigiada do alemão e italiano, o alemão padrão e italiano padrão. Além disso, o valor que se atribui a uma variedade minoritária tem muita influência sobre ela, afinal

a negação da variedade minoritária está ligada a questões de prestígio e estigmatização atribuídas a ela, a partir sobretudo do momento em que o indivíduo começa a frequentar a escola. (Horst e Krug, 2015, p. 176).

Desta forma é necessário perceber que as variedades minoritárias são importantes para a cultura de uma nação, principalmente do Brasil, que possui muitas línguas de imigração. Assim, isso é algo de grande valor, pois como afirma Heredia (1989) “os *estatutos*, os papéis, os lugares, os sujeitos de conversação determinam, para os bilíngües, a escolha da língua utilizada (e, para os monolíngües, a escolha de uma certa variedade” (p. 180).

Com isso, percebe-se que o indivíduo bilíngue pode fazer uso da língua majoritária e de seu dialeto em situações diferentes, como também descrito por Heredia (1989)

Um italiano de origem evocará suas lembranças de infância a seus pais em italiano, um judeu nova-iorquino passará para o iddiche quando falar de questões religiosas, mas as operações de caráter profissional far-se-ão mais freqüentemente na língua majoritária. (p. 180).

Assim é notável o quanto um bilíngue possui diversidade na fala, no entanto isso só será possível em um ambiente em que todos os indivíduos façam uso da mesma língua, uma vez que é necessário que ele seja compreendido para que ocorra a comunicação que ele deseja. Dessa forma há uma grande chance do indivíduo continuar a fazer uso da variedade que ele aprendeu, além de usar a língua predominante no país em que ele está.

2 Caráter da coleta de dados

Com os resultados das entrevistas averiguadas, podem-se observar as questões referentes à relação de cada indivíduo com o *talian*, desde os ambientes em que usa este dialeto, seja em casa ou em sociedade. Além disso, é possível perceber o quanto o entrevistado conhece deste dialeto, tanto como fala, quanto como entende.

Assim, as perguntas são realizadas em *talian* para perceber se o entrevistado compreende o dialeto falado em questão, bem como são suas respostas, em português ou em *talian*. Cabe ressaltar que quando uma pergunta não é bem entendida, o entrevistador procura refazer a questão para obter uma resposta do entrevistado.

Também é necessário destacar que os entrevistados leram um texto em *talian*, no qual foi observado o quanto eles conseguiriam entender, tanto na parte da leitura, quanto na parte de compreensão. Desta forma, é possível inferir o grau de bilinguismo dos indivíduos com base nas habilidades de compreensão, fala e leitura, considerando as quatro dimensões básicas de análises previstas pela Dialetologia Pluridimensional (THUN, 1998).

Como ressaltado anteriormente, as perguntas se destinam a obter um resultado específico, ou seja, como os falantes de *talian* usam esta variedade para se referir às pessoas pertencentes a sua família, bem como se as palavras são usadas em *talian* ou em português.

É importante destacar que a identidade dos entrevistados não foi revelada em momento algum deste artigo e todos eles concordaram em contribuir com a pesquisa, tendo como fonte de dados o Atlas das Línguas em Contato na Fronteira: Oeste Catarinense (ALCF-OE) que tem aprovação do comitê de ética sob o CAE 20380713.2.0000.5564. Assim este artigo destina-se a colaborar com as pesquisas já realizadas pelo grupo.

Quadro 1: Perguntas feitas aos informantes

Nº da questão	Pergunta
1	Que língua costuma falar em família?
2	Entende quando alguém fala em <i>talian</i> ?
3	Que língua fala nas seguintes ocasiões:
3.1	Supermercado
3.2	Correio
3.3	Posto de saúde
4	Como se chama a pessoa que lhe trouxe ao mundo?
5	Seus genitores são sua mãe e seu...?
6	Como uma mãe chama uma menina que trouxe ao mundo?
7	Como uma mãe chama um menino que trouxe ao mundo?
8	Como uma mãe chama as crianças que trouxe ao mundo?
9	Como se chama um homem escolhido por um casal para o batismo de uma criança?
10	Como se chama uma mulher escolhida por um casal para o batismo de uma criança?
11	Como estas pessoas escolhidas chamam as crianças que batizaram?
12	Como estas pessoas chamam um menino que batizaram?
13	Como estas pessoas chamam uma menina que batizaram?
14	Como os pais da criança batizada chamam o casal escolhido para batizar a criança?

FONTE: Questionário do ALCF (KRUG, 2013)

pergunta								
1	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
2	<input checked="" type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>
3.1	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3.2	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3.3	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
4	<input checked="" type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>
5	<input checked="" type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>
6	<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
7	<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
8	<input checked="" type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
9	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
10	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
11	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
12	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
13	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
14	<input checked="" type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

FONTE: Dados do questionário ALCF coletados em (2014)

3.1 Análise dos dados

Com a realização das entrevistas, os informantes ressaltaram que gostariam de conhecer mais o *talian* e que aprenderam o que sabem atualmente ouvindo outras pessoas, com os pais ou com os avós. Além disso, responderam que os avós são os que mais utilizam o *talian*.

Assim, de imediato, se observa que as gerações mais velhas possuem um contato maior com o *talian* que as gerações mais jovens. Contudo, não são

muitas as palavras que eles conhecem desta variedade, ou seja, mesmo sabendo muitas palavras, ainda possuem um repertório pequeno.

Outro fator a ser destacado, é que todos os informantes disseram que não leem ou leem muito pouco em *talian*, caracterizando esta variedade como predominantemente falado.

Com os dados analisados, constata-se que em todas as GI, os informantes usam muito pouco o *talian*, bem como não conhecem todas as palavras referentes ao que foi perguntado. Contudo em CaGI, os entrevistados demonstraram compreender todas as perguntas dirigidas a eles, bem como suas respostas, o que se infere que possuem um contato maior com o *talian* que a CbGI.

Além disso, em CaGI, os informantes obtiveram uma quantidade de respostas semelhantes, contudo em perguntas diferentes, sendo que os homens utiliza mais as palavras correspondentes aos termos de parentesco espiritual.

Contudo, nenhum informante da GI disse saber o nome que se atribui a esta variedade do italiano que eles estão falando, ou seja, demonstraram total desconhecimento relacionado ao nome *talian*. Quando questionados sobre a importância de aprenderem o *talian* todos os informantes de GI afirmaram que gostariam de compreender mais e ter a oportunidade de se comunicar com outras pessoas neste dialeto.

Ainda em relação à CbGI, constata-se que a informante mulher soube mais respostas relacionadas as questões apresentadas, que o entrevistado homem. Assim constata-se que na CbGI há uma diferença mais significativa que na CaGI, sendo que nesta, a quantidade de respostas para *talian* e português foram muito maiores que as observadas em CbGI.

No caso dos informantes de CaGI, o domínio da leitura foi parecido e aparentaram possuir o mesmo grau de dificuldade ao ler os textos em *talian*. O mesmo ocorreu com a CbGI, contudo com uma menor afinidade que a apresentada pelo aquele grupo.

Todos os integrantes de CaGI e CbGI afirmaram que não mesclam o *talian* com o português, ou seja, não há interferência entre as línguas. Além disso, informaram que seus pais possuem escolaridade inferior ao ensino médio. Desta forma, não ocorre uma alternância significativa, pois o domínio deles com o *talian* é bem pouco. Também informaram que seus avós residem no estado do Rio Grande do Sul ou vieram para o estado de Santa Catarina nos anos 1970 e 1980.

Em relação à GII, observou-se que os informantes possuem um maior domínio do *talian* que a GI, corroborando com a afirmação de que as gerações mais velhas tem um conhecimento maior. Afinal, como as respostas foram, em sua maioria, em *talian*, percebe-se que a variedade do italiano que sua família trouxe, foi repassada para seus descendentes.

No que se refere à CaGII, a informante mulher demonstrou conhecer tantas palavras relacionadas ao *talian* que o homem, ocorrendo o inverso da análise observada na CaGI, no que se refere as respostas em *talian*, pois eles disseram as praticamente as mesmas respostas. Além disso, durante a entrevista, notou-se que a informante mulher conhecia termos diferentes para alguns graus de parentesco quando perguntada.

Além disso, os informantes pertencentes a Ca demonstraram conhecer uma quantidade semelhante de palavras em *talian*. Outro ponto observado é de que a diferença em CaGII, a informante mulher relatou ter aprendido o *talian* com seus pais, enquanto o entrevistado homem disse ter obtido o conhecimento com seus avós.

Ainda relacionado com a CaGII, observou-se que o domínio da leitura foi maior que o observado na CaGI e CbGI, sendo que ambos os informantes apresentaram algumas eventualidades enquanto liam o texto. Dessa forma, o grau de proficiência de leitura foi semelhante.

Os informantes da CaGII relataram não fazer confusão entre o *talian* e o português, pois a fala é predominantemente em português e são bem poucas as ocasiões em que isso não ocorre. Também informaram que seus pais e

avós vieram do Rio Grande do Sul para Santa Catarina ou que estão residindo atualmente naquele estado.

Relacionado à CbGII, os informantes demonstraram um alto conhecimento do *talian*, pois todas as respostas foram nesta variedade, bem como afirmaram que todos os membros da família falam *talian*. Além disso, ambos os entrevistados responderam todas as questões com palavras que eles conhecem do *talian*.

Além disso, os informantes disseram que aprenderam o *talian* com seus pais e dessa forma o ensinaram a seus descendentes, que passaram para as outras gerações. Também é importante ressaltar que tanto o homem quanto a mulher tiveram grande dificuldade para ler os textos, tanto em português quanto o em italiano.

No que se refere aos seus familiares, ressaltaram que ou vieram do Rio Grande do Sul ou sempre residiram em Santa Catarina. Outro fator a ser destacado é que ambos os informantes afirmaram que misturam o *talian* com o português quando estão falando, independentemente da situação.

Outro ponto a ser destacado é que muitos dos entrevistados disseram que não utilizam o *talian* em ambientes públicos e de forma moderada o usam em casa. Isso contribuiu para que este dialeto se torne cada vez mais utilizado por uma minoria.

Contudo, os indivíduos entrevistados afirmaram que é importante que este dialeto seja passado para as gerações futuras, pois faz parte da cultura deles como seres humanos. Assim, mesmo com uma pequena relação entre dialeto e indivíduo, eles percebem a importância em se manter isto vivo.

Ainda há a relação do próprio indivíduo com o *talian* na sociedade atual, pois muitas vezes eles não se consideram bilíngues por falarem um dialeto e o “italiano verdadeiro” como costumam dizer.

Quadro 3: Respostas individuais dos informantes

Legenda									
Resposta em <i>talian</i> / Resposta em português / Resposta em <i>talian</i> e português									
 									
Nº da pergunta	Termos	CaGII		CaGI		CbGII		CbGI	
		H	M	H	M	H	M	H	M
4	Mãe				○			○	
	<i>Mare</i>	●	●	●		●	●		●
5	Pai				○			○	
	<i>Pupá</i>	●	●	●		●	●		●
6	Filha	○			○			○	○
	<i>Figlia</i>		●	●		●	●		
7	Filho	○			○			○	○
	<i>Fiol</i>		●	●		●	●		
8	Filhos				○			○	○
	<i>Bambini</i>	●	●	●		●	●		
9	Padrinho		○	○				○	○
	<i>Santolo</i>	●			●	●	●		
10	Madrinha		○	○				○	○
	<i>Santola</i>	●			●	●	●		
11	Afilhados	○	○	○				○	○
	<i>Figlioci</i>				●	●	●		
12	Afilhado	○	○	○				○	○
	<i>Fioso</i>				●	●	●		
13	Afilhada	○	○	○				○	○
	<i>Fiosa</i>				●	●	●		
14	Compadres				○			○	○
	<i>Compari</i>	●	●	●		●	●		

FONTE: Dados do questionário ALCF coletados em (2014)

Desta forma, fizeram parte da pesquisa 8 informantes, sendo 4 homens e 4 mulheres. 2 pertencentes a CaGI e outros 2 à CbGII, o mesmo se aplica as

informantes mulheres, totalizando 88 repostas para as perguntas referentes aos graus de parentesco.

Com isto, percebe-se que na CaGII foram obtidas 12 repostas em *talian*/português e 10 repostas apenas em português. E na CaGI, percebe-se que foram 11 em *talian*/português e 11 em português. Assim é possível notar uma quantidade semelhante de palavras em *talian* que são utilizadas pelos informantes pertencentes a Ca.

Já na CbGII, nota-se que 22 repostas foram em *talian*/português, ou seja, todas as questões relacionadas aos termos de parentesco foram em ambas as línguas, assim nota-se que o *talian* está muito presente no cotidiano destes informantes.

Em relação à CbGI, em apenas 2 perguntas observou-se repostas em *talian*/português e as outras 20 foram respondidas somente em português. Desta forma fica evidente que os informantes pertencentes à CbGI não possuem uma quantidade significativa de palavras em italiano.

4 Considerações finais

Analisando os dados coletados, constata-se que o grau de bilinguismo é superior em CbGII, seguido de CaGII, posteriormente de CaGI e CbGI, ou seja, a geração mais velha é a que possui um maior contato com este dialeto, seja por terem mais idade, ou por estarem inseridos, quando crianças, em um ambiente em que o *talian* era predominante.

Em relação à função, novamente se observa que na CbGII predomina o uso do *talian* em família, dessa forma o dialeto é preservado. Contudo em todos os outros casos CaGII, CaGI e CbGI, isso é tipo como um conhecimento adquirido com o passar dos anos, pois não ocorre o uso em nenhum ambiente familiar.

No que se refere à alternância, outra vez a CbGII é que predomina, pois usa o *talian* para a comunicação familiar e o português para falar em sociedade. Sendo que nas outras gerações (CaGII, CaGI e CbGI) o uso é exclusivamente do português em qualquer situação comunicativa.

E finalmente relacionado à interferência, também se conclui que a CbGII é que mais mescla o português com o *talian*, ou seja, utilizam palavras de ambas as línguas em vários contextos sociais. E nas outras gerações isso não ocorre, pois o uso deste dialeto é quase nulo.

É importante ressaltar que não houve uma análise escrita, pois nenhum dos informantes disse que sabia escrever neste dialeto, o que faz com que ele seja predominantemente falado, uma vez que não há uma gramática escrita para esta variedade do italiano. Assim, como salientado por Cavalcanti (1999), estas línguas minoritárias são de “tradição oral” (p. 398).

Em poucas palavras, é possível afirmar que os quatro níveis apresentados por Mackey (1972) são mais observadas na CbGII, afinal o uso do *talian* é evidenciado de uma forma muito maior que nas outras gerações.

Além disso, como descrito por Ferraz (2007), a grande quantidade de diversidade linguística que se tem no Brasil, deve ser um fator determinante para que mais estudos sejam elaborados, tanto para mostrar que a pluralidade linguística está presente em todas as esferas sociais, bem como a necessidade de incorporá-las ao currículo escolar. Afinal, apesar de o Brasil ser visto como um país monolíngue, a realidade é completamente diferente, visto que as minorias linguísticas existem em nossa sociedade.

Também se faz necessário ressaltar que os indivíduos que possuem o maior uso do *talian* foram os que não frequentaram todos os anos escolares. Ou seja, como afirmaram Altenhofen (2004), Broch (2012) e Ferraz (2007), a escola possui um grande papel em monopolizar a língua portuguesa entre seus falantes. Contudo não podemos generalizar as instituições, pois há escolas que disponibilizam a formação dos alunos em mais de uma língua, ou seja, elas dão notoriedade para as línguas minoritárias.

Assim, como os indivíduos da CbGII não tiveram uma formação escolar completa, o uso do português não era muito cobrado, pois o *talian* era usado o tempo todo em casa e muitas vezes fora dela também. E pelo fato de que não frequentaram muitos anos escolares, a utilização do português e o desprestígio de sua variedade minoritária, não foram fatores extremamente relevantes.

Desta forma, uma variedade minoritária era essencial para a comunicação dos indivíduos da CbGII, pois o português não era amplamente usado no âmbito familiar.

REFERÊNCIAS

- ALTENHOFEN, Cléo Vilson. Migrações e contatos linguísticos na perspectiva da geolinguística pluridimensional e contatual. **Revista de Letras Norteamericanos**, Porto Alegre, v. 6, n. 12, p.31-52, 06 dez. 2013.
- ALTENHOFEN, Cléo & OLIVEIRA, Gilvan. O in vitro e o in vivo na política da diversidade linguística do Brasil: Inserção e exclusão do plurilinguismo na educação e na sociedade. In: MELLO, Heliana et al. **Os contatos linguísticos no Brasil**. Belo Horizonte: Ufmg, 2011. p. 187-216.
- ALTENHOFEN, Cléo Vilson. **Política lingüística, mitos e concepções lingüísticas em áreas bilíngües de imigrantes (alemães) no Sul do Brasil**. RIL13-01, maio de 2004.
- BROCH, Ingrid Kunchenbecker. **Pluralidade linguística no currículo escolar**. UEMS/Campo Grande Mestrado em Letras, UEMS/Campo Grande ISSN:2178-1486 - Volume 2 - Número 2 - novembro 2012.
- CAVALCANTI, Marilda C. **Estudos sobre educação bilíngüe e escolarização em contextos de minorias lingüísticas no Brasil**. D.E.L.T.A., Vol. 15, N.º Especial, 1999 (385-417).
- COSERIU, Eugenio. **Sentido y tareas de la dialectología**. México: Instituto de Investigaciones Filológicas, 1982.
- FERRAZ, Aderlande Pereira. **O panorama lingüístico brasileiro: a coexistência de línguas minoritárias com o português**. Filol. lingüíst. port., n. 9, p. 43-73, 2007.
- HEREDIA, Christiane de. O indivíduo bilíngüe e suas línguas: Do bilingüismo ao falar bilíngüe. In: BOUTET, Geneviève Vermes & Josiane et al. **Multilinguismo**. São Paulo: Unicamp, 1989. p. 176-220.
- HORST, Cristiane. **A situação da alfabetização dos falantes de línguas de imigração no contexto brasileiro**. Contingentia (UFRGS), v. 04, p. 73-84, 2009.

HORST, Cristiane; KRUG, Marcelo Jacó. **Identidade e Comportamento étnico-linguístico em um contexto multilíngue no sul do Brasil: teoria e prática**. NONADA, v. n. 24, p. 173-187, 2015

HORST, C.; KRUG, M. J.; FORNARA, A. E.; **Estratégias de manutenção e revitalização linguística no oeste catarinense**. ORGANON, v. 32, p. 1-16, 2017.

MACKEY, Wilian Francis. The description of bilingualism. In: FISHMAN, Joshua A.. **Leading in the sociology of language**. 3. ed. Mouton: The Hague, 1972. p. 554-584.

THUN, Harald. La geolingüística como lingüística variacional general. In: **International Congress of Romance Linguistics and Philology (21: Polermo: 1995)**. Att.. A cura de Giovanni Ruffeno, Tübingen, Niemeyer. 1998. P. 701-729, 787-789, v. 5.

Resumen: Este estudio propone inferir los niveles de bilingüismo en hablantes de *talian*-portugués que abordan los cuatro niveles presentados por Mackey (1972): grado, función, interferencia y alternación. Para eso fueron analizadas entrevistas de informantes que viven en Chapecó, pertenecientes a la Generación I y Generación II, de Clase Alta y Clase Baja, un hombre y una mujer para cada Generación. Las preguntas y las respuestas de los informantes fueron colocadas en tablas y posteriormente analizadas, a fin de relatar lo que se observó durante las entrevistas. Las cuestiones seleccionadas están relacionadas a los términos de tipo espiritual (padrino, madrina, ahijado, ahijada, compadre y comadre) Goldschmidt y metalingüísticas (referentes a el bilingüismo, cuestiones de identidad, creencias lingüísticas).

PALABRAS CLAVE: *talian*; términos de parentesco; niveles de bilingüismo; contacto *talian*-portugués.